

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ: EDUCAÇÃO, CULTURA E PRODUÇÃO DE SUJEITOS

SUBMISSION OF THE DOSSIER: EDUCATION, CULTURE AND SUBJECT PRODUCTION

PRESENTACIÓN DEL EXPEDIENTE: EDUCACIÓN, CULTURA Y PRODUCCIÓN DE SUJETOS

Camilo Darsie , Jeane Félix da Silva  e Paula Deporte de Andrade 

Há algum tempo, Stuart Hall, em “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo” (HALL, 1997), quinto capítulo do livro “*Media and cultural regulation*”, organizado por Kenneth Thompson (1997), destacou o papel constitutivo da cultura, especialmente, a partir da segunda metade do século XX. O autor apresentou importantes reflexões acerca daquilo que entendemos como virada cultural discorrendo sobre as transformações em relação ao entendimento de cultura e sobre os impactos causados por ela no que se refere à produção do conhecimento e aos modos de subjetivação.

Autores como Marisa Vorraber Costa (2000, 2015), Alfredo Veiga-Neto (2000), Maria Lúcia Castagna Wortmann e Rosa Hessel Silveira (2015), entres outros, seguindo na mesma direção, colaboraram para o entendimento da cultura como uma ampla rede, abrangente, de práticas e instituições que envolvem desde as atividades do cotidiano, de cada um/uma de nós – sujeitos –, até as ações organizadas, manejadas e constituintes por/de instituições, corporações e indústria cultural.

Neste contexto, destacamos que entendemos as manifestações populares, eruditas e midiáticas enquanto práticas culturais que geram significados para os seres humanos e, portanto, os produzem como sujeitos. A cultura, nesta perspectiva, é entendida como relativa, deste modo, não pode ser classificada como mais ou menos positiva, já que varia de acordo com contextos espaço-temporais distintos nos quais se desdobra e no interior de diferentes relações estabelecidas socialmente. A cultura, portanto, deixa de ser pensada apenas como manifestação artística, literária, musical e etc., pois para além destas dimensões, ela produz as possibilidades de existência das mesmas, dos meios pelos quais são constituídas e apresentadas e das diferentes maneiras de serem entendidas.

A cultura nos interpela cotidianamente, dando forma aos nossos modos de ser e pensar e, ainda, ao funcionamento diferentes ambientes e de discussões que os compõem, por meio de diferentes linguagens. Assim, a linguagem passa a ser entendida como um elemento que atribui significados e valores, a partir de diferentes discursos que, ao associar práticas e enunciados, estabelecem as relações de poder que compõem a malha social.

Cabe destacar que ocorreu uma mudança, também, no que se refere ao entendimento de linguagem. Se outrora era pensada como algo inerente aos objetos, aqui, agora, é entendida como constituinte destes e das demais existências. Neste sentido, vale lembrarmos que os sujeitos, ao serem

produzidos pela linguagem, passam a se reconhecer no interior e por meio dos discursos, a partir da constante emergência de práticas, costumes, significados e valores.

A cultura opera na direção de validar determinados significados em relação a outros. Contudo, conforme mencionou Michel Foucault (1996), o discurso é uma prática que age articulada a outras práticas e, portanto, devemos pensar em práticas discursivas. Para ele, as práticas discursivas não devem ser limitadas às ações comunicativas pelas quais os indivíduos formulam ideias, desejos ou, então, as capacidades individuais ligadas à articulação de fala e escrita. O discurso, nesse sentido deve entendido levando-se em conta um conjunto de regras anônimas e históricas que são encaixadas em determinados lugares e em determinados tempos de acordo com as áreas sociais, econômicas, geográficas, entre outras, nas quais eles definem e são definidos pelas possibilidades de circulação e atravessamento que encontram e constroem.

Nesse sentido, as práticas discursivas não se constituem apenas pelas falas proferidas, mas englobam diversas estratégias muito mais amplas. Como argumentam Veiga-Neto e Lopes (2007), as práticas discursivas não são apenas atos de fala, mas todo um conjunto de enunciados que formam o substrato inteligível para as ações. Isso equivale a dizer que são essas práticas que moldam nossas formas de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele.

Tendo em vista tais questões, emergem alguns importantes questionamentos: Como a Educação e a Cultura têm interferido na constituição dos sujeitos? Quais as possibilidades de discussão, acerca dos modos de subjetivação, no contemporâneo? Como as diferentes tecnologias e mídias operam na produção dos modos de ser e de pensar em diferentes lugares? Quais áreas e articulações ainda podem ser férteis para o desenvolvimento de reflexões sobre o assujeitamento?

Estes são apenas alguns dos questionamentos possíveis, contudo, foram eles que orientaram a idealização e a organização deste dossiê, pois consideramos que, apesar de serem feitos há bastante tempo, ainda se mostram profícuos no sentido de pensarmos as práticas culturais e educativas que permeiam nossos cotidianos.

Assim, conforme indicava a chamada de textos para esta edição da Revista Reflexão e Ação, convidamos autor@s, de diferentes lugares do Brasil e do mundo, a colaborarem com estudos pautados na problematização de questões referentes à identidade, à diferença, às relações de saber-poder e às estratégias biopolíticas no campo da Educação. Mais especificamente, lançamos o desafio de serem apresentados textos produzidos a partir de temas como: saúde, assistência social, relações étnico-raciais, relações de gênero e sexualidade, infância, inclusão, espacialidades, currículo, políticas públicas e formação de professores, por meio de perspectiva interdisciplinar, levando em conta os atravessamentos culturais que produzem sujeitos.

Partindo disto, abrimos o Dossiê com o artigo **OECD's dominant discourses of the low-performer and the production of subjects** no qual Melissa Andrade Molina, da Universidade de Aalborg, na Dinamarca, problematiza os discursos da *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)*. A autora mapeia e tensiona algumas das verdades que são produzidas pela Organização e que apontam para a emergência de fatores de risco econômico a partir da associado a

estudantes cujo desempenho escolar é considerado baixo. Neste contexto, destaca que @s alun@s considerad@s “mais frac@s” são descrit@s pela OCDE como crianças cujas dificuldades precisam ser trabalhadas e superadas a fim de serem melhorados os índices econômicos nacionais. Apoiada em Deleuze, na análise, argumenta que esta associação produz, entre outras coisas, a ideia de fracasso e, conseqüentemente, de sujeitos fracassados.

Após, no texto **O processo formativo do sujeito: governamentalidade e modos de subjetivação como processo de singularização a partir do cuidado de si**, Fernanda Antônia Barbosa da Mota, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), apresenta o resultado de uma investigação acerca da relação entre as noções de sujeito, governamentalidade e subjetivação partindo do pensamento de Michel Foucault. A autora discorre sobre o modo como o processo formativo do sujeito está atrelado às relações de poder, tendo em vista as tecnologias educacionais. Ainda, mostra que o sujeito, ao mesmo tempo em que se assujeita, também cria modos de subjetivação a partir de técnicas de si. O estudo aponta na direção de sugerir que através da criação dos modos de subjetivação podemos experimentar outros modos de viver e resistir ao buscar nas técnicas de si tais transformações.

No terceiro artigo, **A presença do discurso moderno/colonial no currículo e a produção de sujeitos**, escrito por Sirley Lizott Tedeschi, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UFMS) e por Ruth Pavan, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), são discutidos os modos como a diferença se constitui em um problema para a escola e para o currículo, ainda, nos dias atuais. Assim, as autoras debatem o fato de a presença de sujeitos que não se assemelham ao modelo idealizado pela modernidade ainda constranger, perturbar e inquietar @s professor@s. A análise é baseada em uma pesquisa realizada por meio de entrevistas, com professor@s que atuam no Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública estadual. De acordo com os resultados encontrados pelas pesquisadoras, as falas d@s professor@s ainda são atravessadas pelos efeitos do discurso moderno/colonial, pois, procuram negar a pluralidade e a imprevisibilidade da alteridade.

George Saliba Manske e Daniela Cristina Rático de Quadros, da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), discutem a infância enquanto condição humana articulada às diferentes concepções nas quais foi produzida. Assim, argumentam que uma multiplicidade de saberes técnico-científicos constroem verdades organizando os modos de compreensão sobre ela. Partindo disto, no texto **Medicalização na escola e a produção de sujeitos infantis**, apresentam uma pesquisa realizada junto a profissionais da educação de escolas públicas de um município do sul do Brasil, por meio da qual buscaram investigar os processos de medicalização na constituição de sujeitos escolares. De acordo com @s autor@s, a consolidação do discurso biomédico no âmbito das escolas tem sido cada vez mais frequente e sua difusão e reiteração reforçam argumentos de ordem biológica em situações que são, em boa medida, de ordem social e cultural.

No texto, **Educação e produção de subjetividade: o ressentimento como máquina de produzir corpos**, Édio Raniere e Carla Gonçalves Rodrigues, da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), problematizam a produção de subjetividades em corpos docentes e discentes a partir do atravessamento de ressentimento. Para tanto, @s autor@s fazem uso do Método de Dramatização, inspirados em Deleuze.

Em **A poesia: estratégias para experimentar e fruir em sala de aula**, Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Eliane Santana Dias Debus, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Fernando José Fraga de Azevedo, do Instituto de Educação da Universidade do Minho, buscam ampliar a reflexão acerca da presença da poesia na escola. Conforme destacam, o estudo estabeleceu um diálogo com docentes que atuam nos anos iniciais do Ensino Básico tendo em vista o entendimento acerca dos modos de inserção da poesia no espaço escolar e da frequência com que o texto poético transita em sala de aula.

A produção de identidades sul-mato-grossenses nas páginas das cartilhas é o texto apresentado por Thaise da Silva, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e Estela Natalina Mantovani Bertolotti, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Nele, as autoras analisam a influência dos livros didáticos na constituição da identidade do povo sul-mato-grossense, em especial dos moradores da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, entre as décadas de 1950 e 1970. Para tanto, realizaram uma pesquisa qualitativa, de base documental, tendo em vista os documentos da 6ª Delegacia de Ensino Primário de Dourados e outros materiais destinados à alfabetização. O estudo indica que a circulação destes artefatos na região da Colônia se diferenciou das demais regiões devido à influência do Governo Federal e, ainda, que contribuiu para a constituição de uma dada identidade nacional junto aos moradores da região.

O oitavo artigo que apresentamos, **A construção de uma identidade docente desejável no discurso do movimento Escola Sem Partido**, de Elvis Patrik Katz e Andresa Silva da Costa Mutz, ambos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), apresenta, a partir de teorizações acerca do pensamento de Foucault e de contribuições dos Estudos Culturais, enunciações proferidas pelo movimento Escola Sem Partido em diversos materiais produzidos pelo próprio movimento. De acordo com @s autor@s, tais enunciações constituem um dado modo de governo sobre as identidades docentes que busca delinear, apresentar e fiscalizar os docentes tidos como desejáveis, bem como condenar os chamados professores “doutrinadores”.

Em **A arte como arte de existência: experiências de socialização de jovens de origem popular em Salvador, Bahia**, de Ivan Faria, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Vitor Sérgio Ferreira, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Juarez Tarcísio Dayrell, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), são analisadas experiências de socialização artística de jovens de origem popular, que investiram na formação e profissionalização no mundo das artes. O trabalho é fundamentado na literatura sociológica sobre juventude, socialização e profissões artísticas e leva em conta as experiências de nove jovens que realizaram formação profissionalizante e se tornaram profissionais em música, dança, vídeo e fotografia, em Salvador, Bahia.

Deise Maria Xavier de Barros Souza e Marcio Antonio da Silva, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no texto, **O dispositivo pedagógico do Currículo-brinquedo de Matemática, marcado pela dimensão de gênero, na produção de subjetividades**, problematizam algumas imagens apresentadas em livros didáticos de matemática dos anos iniciais. É destacado que o currículo de matemática pode interferir na produção de subjetividades unificadas de estereótipos de

gênero nas relações conflituosas entre saber, cultura e poder. Os autores argumentam que, em meio ao movimento da cientificidade dos conhecimentos matemáticos, o currículo-brinquedo produz gestos múltiplos.

No penúltimo texto do dossiê, **O banheiro como espaço político de gênero**, Alfrancio Ferreira Dias e Fabio Zoboli, da Universidade Federal do Sergipe (UFS) e, ainda, Adriana Lohanna dos Santos, da Rede Municipal de Educação de Lagarto/SE, argumentam que os modos de usos do corpo implicam em territorializações políticas do espaço. Partindo disto, discorrem sobre estudantes transexuais da Universidade Federal de Sergipe, analisando o banheiro como espaço político de gênero, por meio de um estudo qualitativo com base em entrevistas narrativas feitas com sete estudantes transexuais de cursos de graduação da instituição. De acordo com as reflexões d@s autor@s, estudantes transexuais lidam com dificuldades, situações de preconceito e, para além disso, com a necessidade de encontrarem estratégias para a utilização dos banheiros na Universidade. Assim, sugerem que há necessidade de superação da demarcação e governo de gênero por meio de políticas que não estabeleçam um sujeito de identidade fixa, mas que deem conta da pluralidade dos corpos.

Para encerrar, apresentamos o artigo **¿Empoderar a las elites? una reflexion sobre el empoderamiento de las mujeres universitarias** de Trinidad Donoso-Vázquez, da Universidade de Barcelona. Nesta reflexão, a autora propões que a ideia de empoderamento está, frequentemente, vinculada a grupos vulneráveis e com grandes dificuldades para acessar recursos. Nesta direção, destaca que muitas vezes se torna incompatível com o contexto de mulheres universitárias, pois seriam consideradas privilegiadas. No entanto, partindo de algumas experiências de empoderamento feminino em Universidades e revendo as bases da noção de empoderamento, estabelece a relação entre a discriminação de mulheres e o mundo universitário.

Como forma de encerrar este momento, desejamos que @s leit@res tenham boas experiências em relação às leituras e, principalmente, que tais leituras colaborem com a emergência de novas reflexões e discussões acerca dos temas abordados. Aproveitamos ainda para agradecer pelo grande número de textos enviados, mas que, em função das limitações ocasionadas pelas normas nacionais de publicação, não puderam estar contidos nesta edição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Marisa V., (2000). Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p. 13-36.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Laura Fraga de Almeida Sampaio (Trad.). São Paulo: Loyola: 1996

HALL, Stuart. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In: THOMPSON, Kenneth (ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

_____. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, nº 2, p. 15-46.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p.37-69.

_____.; LOPES, Maura Corcini. Identidade, cultura e semelhanças de família: as contribuições da virada lingüística. In: BIZARRO, Rosa (org.). **Eu e o outro: estudos multidisciplinares sobre identidade, diversidade e práticas culturais**. Porto: Areal, 2007.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. **Educação**, PUCRS, Porto Alegre, v. 38, n. 1, jan./abr. 2015. p. 32-48.